

---

## Complexidades Identitárias em Santa Catarina: Apontamentos Sobre Narrativas de Rivalidade Entre os ‘Cinco Grandes’ do Futebol Catarinense (2009-2018)<sup>1</sup>

Matheus Simões MELLO<sup>2</sup>  
Faculdade Ielusc, Joinville, SC

### RESUMO

Este artigo busca compilar os principais resultados obtidos em minha tese doutoral, que visou compreender como jornais de Santa Catarina constroem narrativas de rivalidade entre os cinco principais clubes de futebol do estado: Chapecoense (Chapecó), Criciúma (Criciúma), Joinville (Joinville) e Avaí e Figueirense (ambos de Florianópolis). No início da pesquisa, partimos da premissa de que os veículos apresentavam narrativas divergentes entre si, e usavam de aspectos culturais tanto na representação local quanto no estabelecimento do rival estadual como uma alteridade, hipótese que fora parcialmente comprovada. O *corpus* foi composto por 342 exemplares de quatro diários, um de cada cidade, publicados entre 2009 e 2018. As análises foram norteadas pela Análise Crítica da Narrativa, sendo este o procedimento metodológico adotado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Esportivo; Santa Catarina; Futebol; Narrativas Jornalísticas.

### Introdução

Em comparação a outros estados brasileiros, Santa Catarina possui algumas particularidades. Ao invés de ter uma capital-metrópole, é composta por microrregiões com patamares similares nos âmbitos político e econômico. A paridade contrasta com as distintas trajetórias e contextos socioculturais, visto que cada uma delas passou por um processo de povoamento específico. Esse cenário propicia disputas por poder e protagonismo dentro da conjuntura estadual, algo que ocorre, pelo menos, desde o Século XIX. Isso possibilita que outras esferas da sociedade sejam permeadas por tais relações, como é o caso do futebol. Santa Catarina talvez seja o estado onde haja o maior equilíbrio entre equipes do interior e da capital. No Campeonato Catarinense, por exemplo, os interioranos acumulam 57 conquistas, contra 38 florianopolitanas. Vantagem que se estende a competições nacionais (5x1) e internacionais (1x0).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc. Doutor (2020, com doutorado-sanduíche na Universidade de Sevilha) e Mestre (2015) em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [senso.de.humor@hotmail.com](mailto:senso.de.humor@hotmail.com).

---

Percebe-se, portanto, que o futebol barriga-verde se mostra como um objeto fértil para estudos de diferentes áreas das Ciências Sociais, como a Comunicação e o Jornalismo.

Munido desse pensamento, dediquei meus esforços doutorais a compreender como jornais catarinenses constroem narrativas de rivalidade entre os cinco principais clubes de Santa Catarina: Associação Chapecoense de Futebol (Chapecó), Criciúma Esporte Clube (Criciúma), Joinville Esporte Clube (Joinville) e Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube (ambos de Florianópolis). Este artigo tem o intuito de reunir os principais contributos oriundos dessa investigação, intitulada “Complexidades identitárias em Santa Catarina: análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local (2009-2018)” (MELLO, 2020). Suspeitávamos inicialmente que os veículos apresentavam narrativas divergentes entre si, recorrendo a aspectos socioculturais dos municípios para construir narrativas conterrâneas e estabelecer o rival estadual como uma alteridade.

Para tanto, analisamos 342 exemplares de quatro jornais, um de cada município, veiculados entre 2009 e 2018: *Diário do Iguçu* (Chapecó), *A Tribuna* (Criciúma), *A Notícia* (Joinville) e *Diário Catarinense* (Florianópolis). O valor total mencionado corresponde a dois grupos: a) todas as coberturas de confrontos entre essas equipes, excetuando os duelos válidos por fases preliminares do Estadual<sup>3</sup>; b) duelos de relevância para a trajetória das agremiações (títulos, acessos, rebaixamentos, eliminações...). Por sua vez, a primeira categoria foi subdividida em partidas *atípicas* e *típicas*, separando, respectivamente, embates de caráter eliminatório dos demais. Aos primeiros, acrescentamos as edições prévias (do dia do jogo). Tal escolha se deu pelo fato de a repercussão prévia poder conter aspectos ambientais e contextuais de clubes e torcedores. A tragédia aérea envolvendo a Chapecoense não fora incluída nesse *corpus*, por ter sido um momento de quebra no fluxo narrativo<sup>4</sup>.

O percurso analítico foi norteado pela Análise Crítica da Narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013). Em suma, Motta se inspirou na narratologia e aproveitou demais elementos das teorias literárias para desenvolver um método cujo intuito é alcançar a dimensão “pré-jornalística”, ou seja, entender que planos de fundo e preceitos éticos são empregados pelos emissores na construção das narrativas jornalísticas. Motta

---

<sup>3</sup> Para os fins deste artigo, usaremos ‘Catarinense’ e ‘Estadual’, com caixa alta, para nos referirmos ao Campeonato Catarinense de Futebol.

<sup>4</sup> Isso porque pudemos verificar que a rivalidade fora deixada de lado, dando espaço a uma narrativa de dor e união. Para uma análise mais aprofundada da cobertura dos quatro jornais da queda do voo LaMia 2933, ver Mello (2017).

---

estabelece movimentos de análise para cumpri-lo, estes focados na atenção às intrigas, aos conflitos e às personagens, sobretudo na descrição, representação e funcionalidade de tais aspectos.

Em um primeiro momento, apresentamos alguns contributos teóricos que auxiliam em nossa percepção dos objetos empírico e de estudo. Em seguida, tecemos alguns apontamentos contextuais sobre a trajetória política, cultural e futebolística das quatro cidades abarcadas pelo *corpus*. Finalmente, expusemos os principais resultados obtidos durante as análises, dispostos na seguinte ordem: Florianópolis, Joinville, Criciúma e Chapecó, iniciando pela repercussão do(s) conterrâneo(s) e, depois, dos rivais.

### **Jornalismo, Futebol, Emoção e Sociedade**

Como o próprio nome indica, o jornalismo esportivo se trata, obviamente, de uma seção jornalística. Compartilha, assim sendo, premissas e normas ético-deontológicas com o Jornalismo. Isso não quer dizer que a cobertura de esportes deva ser estudada e compreendida sob ótica generalista, o que acaba por comprometer o entendimento acerca de certas especificidades dessa área. Consideramos, então, que o jornalismo esportivo é uma seção composta por particularidades especiais (ROJAS TORRIJOS, 2010), algumas delas até confrontantes com o jornalismo geral.

Entre elas, destacamos duas. Primeiro, a considerável carga interpretativa (e, assim, subjetiva) do futebol e de outras modalidades esportivas, tornando a ânsia pela veracidade ainda mais complexa (GÓMEZ BUENO, 2012). Segundo, a alta carga emotiva dos acontecimentos esportivos, que perpassam por emissores e receptores. Processo que, por um lado, dá mais “cor” às páginas esportivas (SUÁREZ RAMÍREZ, 2015, p. 238) e, por outro, promove o afastamento de preceitos basilares do jornalismo (SALWEN; GARRISON, 1998). Por consequência, os jornalistas de esportes pensam que transgridem os limites éticos com maior frequência do que os demais colegas de redação (McCLENEGHAN, 1990), ainda que demonstrem ter noção clara sobre uma conduta desejável (ENGLISH, 2017). O caráter subjetivo e emotivo do futebol, aliado à magnitude econômica da modalidade, pode acarretar na confecção de produtos jornalísticos que privilegiem tais aspectos exacerbadamente, resultando em

---

sensacionalismo e ênfase demasiada no entretenimento, priorizando clubes e atletas com grande apelo midiático (GARRIDO LORA in MARÍN MO NTÍN, 2009).

O realce emotivo na cobertura esportiva não está somente ligado à (e aos números da) audiência. O sentir do jornalista esportivo também é um tema tradicional nessa seção. Os profissionais do segmento vêm sendo historicamente levados a ocultar suas preferências clubísticas, como se deixá-las transparecer fosse um atestado de insucesso no exercício da função. Esse quadro, contudo, vem mudando nos últimos anos, com o aparecimento de iniciativas dedicadas a praticar um ‘jornalismo torcedor’ (MELLO, 2020, pp. 57-59), estratégia que parece ter respaldo científico, já que torcedores altamente identificados tendem a confiar e consumir jornalistas abertamente torcedores da mesma equipe (SADRI, 2014). Tal prognóstico nos leva a crer na existência de casos nos quais os receptores requisitam que o profissional da imprensa de esportes enfatize seu amor pelas mesmas cores, apoiando e defendendo o clube incondicionalmente. Denominamos esse fenômeno de ‘parcialidade consentida’ (MELLO, 2020).

Pensar sobre o sentir jornalístico esportivo nos parece pertinente porque, por um lado, acreditamos que tal aspecto ganha ainda mais evidência em contextos regionais/locais, principalmente se a localidade conta com apenas uma agremiação a representando. Por outro, leva-nos a crer que atentar à retórica destes pode levar a uma compreensão mais ampla das comunidades analisadas. Isto porque o futebol é parte primordial na cultura e nas identidades de locais onde a modalidade é massivamente praticada e consumida, além de ser um poderoso instrumento na relação geopolítica com vizinhos, parceiros e desafetos históricos (BONIFACE, 1987; GIULIANOTTI, 2002).

### **Santa Catarina e as Quatro Cidades Investigadas: Aspectos Contextuais**

É somente a partir do Século XIX que Santa Catarina começa a ganhar os contornos atuais. Em 1823, Laguna deixa de ser a capital do estado, transferindo o centro administrativo para Florianópolis, culturalmente forjada nas tradições açorianas. Ainda no meio do mesmo século, as terras ao Norte começaram a receber migrantes provenientes de países como Suíça, Alemanha e Noruega, dando origem à cidade de Joinville (1851). Já nas primeiras décadas, Joinville se consolidou como um dos

---

principais polos econômicos do estado, e buscou maior protagonismo político em âmbito estadual. Uma das formas de tentá-lo foi por meio da contestação da legitimidade de Florianópolis como capital, um município que arrecadava menos e não contaria com estrutura digna de tal posto. A partir daí, Florianópolis passou por um drástico processo de modernização dos estabelecimentos públicos, que durou até o início do Século XX (CABRAL, 1970). Em meio ao início dos confrontos entre Norte e capital, em 1887, é fundada Criciúma, inicialmente formada por uma maioria de migrantes italianos (MONTEIRO, 2017). Já Chapecó só fora estabelecida como município em 1917, já que todo o Oeste do estado passara historicamente por processos de disputa territorial, seja entre estados (vide a Guerra do Contestado) e nações (dada a proximidade com a Argentina). Desde os primeiros anos, Chapecó recebeu migrantes gaúchos teuto e ítalo-descendentes, que povoaram não só o município, mas toda a região (CABRAL, 1970; SILVA; HASS, 2017). Privilegiamos aqui essas informações justamente por terem posição de destaque nas respectivas narrativas locais.

O futebol passou a se consolidar no estado a partir do meio dos anos 1910. Mas é somente em 1924 que surge uma entidade reguladora da modalidade<sup>5</sup>, a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), atual Federação Catarinense de Futebol (FCF). Ainda no mesmo ano, organizou o primeiro Estadual, que fora disputado apenas com equipes de Florianópolis. Isso quer dizer que se tentava posicionar a capital como epicentro futebolístico (SOUSA, 2005), tal como era feito nas esferas política e cultural (LOEN, 2002). A fórmula permaneceu nos anos seguintes, beneficiando clubes como Figueirense (1921) e Avaí (1923), que começavam a despontar como potências da capital. Tal configuração desagradou os interioranos, entre os quais estavam as equipes de Joinville, principalmente América (1914) e Caxias (1920). O amplo privilégio ao futebol de Florianópolis gerou sucessivas crises, e teve como ápice o período 1935-37, quando os clubes joinvilenses se rebelaram e criaram sua própria entidade estadual, a Associação Catarinense de Desportos (ACD). Esta organizou dois certames estaduais e até chegou a representar o futebol barriga-verde junto à CBD (SANTOS, 2004).

A partir dos anos 1940, o interior passa a dominar o futebol catarinense. Além de Joinville, Brusque, Blumenau e Tubarão foram hegemônicos. Criciúma só entrou para esse rol nos anos 1960, com a ascensão fulminante do Esporte Clube Metropol,

---

<sup>5</sup> Têm-se registros de outras ligas predecessoras no Vale do Itajaí, mas sem a pretensão de regular o futebol de todo o estado.

time ligado a uma companhia carbonífera. Além de ser a principal fonte econômica criciunense até os anos 1970, o segmento carbonífero moldou o futebol local, pois a maioria das equipes estava direta ou indiretamente atrelada às companhias da região (SILVA JÚNIOR, 1996).

A partir dos 70, Florianópolis voltou a conquistar Estaduais. A dupla Avaí-Figueirense encerrou jejuns de mais de vinte anos. No início da mesma década, Joinville e Criciúma passavam por um processo de reconfiguração econômica e demográfica, tornando obsoletos os tradicionais moldes futebolísticos locais. No primeiro, os rivais América e Caxias uniram seus departamentos de futebol profissional para formar o Joinville Esporte Clube (1976), que venceu dez Catarinenses nos doze primeiros anos de existência. No segundo, o time dos comerciantes do Centro, o Comerciário, reformulou-se e passou a chamar-se Criciúma Esporte Clube (1978). Ao invés do carvão, o Criciúma recebia suporte financeiro de um novo pujante segmento industrial (a cerâmica), fundamental para a ótima fase dos anos 1990. Além desses municípios interioranos, Chapecó também foi repaginada futebolisticamente. Com a fundação da Associação Chapecoense de Futebol (1973), Chapecó passava a contar com um time competitivo pela primeira vez, algo que só fora exequível graças ao processo de integração do Oeste com o Litoral do estado, que começara nos anos 1950.

Desde o início dos anos 2000, os ‘cinco grandes’ de Santa Catarina vêm alternando bons e maus momentos. No transcorrer dos clássicos e das temporadas, as dinâmicas e tensões acima relatadas, afora tantas outras, perpassam pela cobertura jornalística dos veículos locais, como será mostrado a seguir.

### **Narrativas de Rivalidade Entre os ‘Cinco Grandes’**

Começemos por Florianópolis. *Diário Catarinense* demonstrou certa cautela na exposição de traços locais, sobretudo na eleição de Avaí ou Figueirense como representantes florianopolitanos. Ao invés, *DC* descreveu a cidade como dividida em duas partes iguais, avaianos e alvinegros. Desprezaram, assim, possíveis superioridades numéricas entre a dupla e a presença de indivíduos identificados com outros clubes brasileiros. Em coberturas de dérbi, nem Avaí e nem Figueirense foram elencados como antagonistas. O embate foi sistematicamente relatado como um choque entre dois times virtuosos, que venceram ou perderam conforme virtudes e fragilidades pontuais do jogo.

A pista mais emblemática que fora encontrada diz respeito às constantes menções de Avaí-Figueirense como “o maior clássico de Santa Catarina”, como se pode ver na figura abaixo. Quando ambas as equipes viviam bons momentos, como em 2012, *DC* era mais recorrente em tal entendimento.

Figura 1 – “Sem precedentes: os números do maior clássico de Santa Catarina”, edição de *DC* de 12 de maio de 2012.



Outro ponto que merece destaque é a voz estadual assumida por *DC* entre 2014 e 2016, triênio que pode ser considerado o melhor período da história do futebol catarinense. A publicação comemorou acessos e lamentou descensos dos interioranos nos certames nacionais, ressaltando a torcida pelo futebol de Santa Catarina.

No tratamento dos rivais, *DC* atribuiu a Joinville os traços de rivalidade mais estáveis. Quando dizemos Joinville, referimo-nos ao município, pois a narrativa parece mais abrangente à cidade do que propriamente ao Joinville Esporte Clube. Percepção que fica bastante nítida nas colunas de Roberto Alves, talvez o mais conhecido jornalista esportivo catarinense em atividade. Em duelos da dupla contra o Jec, Alves tratava de não só mencionar a tradicional rixa entre o Norte e a capital, mas também de estendê-las aos antecessores jequeanos, América e Caxias. De modo geral, os joinvilenses foram classificados como os principais oponentes interioranos da capital. Ademais, foram descritos como capazes de agir nos bastidores das instâncias político-jurídicas do futebol barriga-verde, principalmente nas opiniões de Roberto Alves. Isso pode ser explicado pelo fato de o Jec ter vivido sua melhor fase (1976-1987) em meio à presidência de um joinvilense na Federação Catarinense de Futebol (José Elias Giuliari, 1970 a 1983), época em que Alves já era um jornalista de destaque. Além disso, Alves aliou elogios aos bons times do Jec a condutas questionáveis da arbitragem, como neste trecho, condizente a uma decisão entre jequeanos e avaianos nos anos 1980: “No meio do jogo, Dudu marcou e o árbitro Dalmo Bozzano anulou. Até hoje ele não explicou a



---

razão. [...] Uma decisão cheia de artimanhas. O JEC tinha um time quase imbatível” (ALVES, 2010, p. 40).

Quanto à Chapecoense, esta foi posta na condição de rival em caráter ascendente. Há um claro aumento dessas incidências a partir de 2011, e tais menções alcançam seu ápice entre 2015 e 2016. Podemos explicar tal comportamento pela ascensão dos alviverdes nas divisões nacionais, já que o clube de Chapecó subiu da quarta (2009) para a primeira divisão nacional (2013). Foram identificados momentos nos quais o Oeste fora retratado como uma alteridade da capital, expondo-se características que distinguiam as duas regiões. No caso do Criciúma, os vestígios de rivalidade foram bastante instáveis na primeira metade de nosso recorte (2009-2013), e só apareceram de forma mais evidente a partir de 2016. No caso dos três interioranos, *DC* não é enfático e recorrente na exposição de traços culturais e identitários para representá-los e colocá-los em posição de confronto com a capital.

Com relação à postura de *A Notícia*, foi percebido o primeiro claro envolvimento de uma publicação com o clube conterrâneo. Entre 2010 e 2015, quando o Jec também ascendeu da quarta (2010) para a primeira divisão do Brasil (2014), *AN* se colocou ao lado do Jec de diferentes formas, seja nas capas, nos títulos dos textos ou, na abordagem (positiva) das pautas ou na postura dos colunistas, que se inseriram como torcedores e munícipes tanto nos textos quanto em suas fotos de identificação. Nas matérias jornalísticas, sobretudo em prévias de decisões, o jornal privilegiou majoritariamente materiais sobre as décadas de 1970 e 1980, quando, lembremos, o Jec viveu seu melhor momento. Esse envolvimento fez com que as linhas limítrofes entre agremiação e município fossem turvadas em algumas ocasiões, como se não soubéssemos a quem exatamente *AN* estava se referindo. Todos esses indícios já nos levavam a constatar uma cobertura torcedora de *A Notícia*, o que foi corroborado por um editorial de 2011:

Foi no último trimestre de 2009, numa reunião de trabalho com a equipe de esportes, que “AN” tomou uma decisão editorial incomum no jornalismo contemporâneo: assumir um lado, passar a fazer uma cobertura esportiva absolutamente paroquial e torcedora pela redenção do JEC. [...] Passamos a mostrar a importância do sócio, estimular o torcedor a ir ao estádio, vibrar com bons resultados (AQUINO, 2011, p. 4).

No que se refere aos rivais, inquestionavelmente, Florianópolis fora representada por *AN* como a grande rivalidade de Joinville. Assim como *DC* fizera, as rixas foram estendidas ao município. O dérbi florianopolitano não foi entendido como o maior clássico do estado. Tampouco seria “do estado”, mas, sim, somente de Florianópolis. A



oposição também foi construída através de uma figura estereotipada dos munícipes da capital, o “manezinho da Ilha”. Numa reportagem sobre o ex-atacante Fantick, que atuara por Avaí e Jec e criara vínculo com ambos, *AN* tituló o texto classificando Fantick como “um manezinho tricolor” (*A NOTÍCIA*, 2014, p. 26), salientando o quão inusitado e controverso pode ser essa denominação. Por fim, averiguamos que Avaí e Figueirense teriam, de acordo com *AN*, força político-jurídica nos bastidores. Por sua vez, igual a *DC*, a Chapecoense foi posta na condição de um rival ascendente, também a partir de 2011. Já o Criciúma fora visto como tradicional oponente jequeano, rivalidade aparentemente menor do que com a capital e maior do que com a Chape. Pontuamos, no entanto, que essa rivalidade pode ter sido prejudicada pelo recorte temporal adotado e pelos veículos investigados. Isso porque Joinville e Criciúma já foram (e seguem sendo por alguns) postos como protagonistas do principal clássico barriga-verde (MELLO, 2018). Criciumenses e chapecoenses não foram representados por meio de nuances culturais e identitárias.

*A Tribuna* seguiu postura similar a de *AN* no trato com o clube conterrâneo. Elencado como a principal figura de integração social região (Sul catarinense), verificamos apoio institucional e dos profissionais para com o Tigre, seja com frases de incentivo ou autoinserção como torcedores e munícipes. O time fora elencado diversas vezes como “maior” e “melhor” do estado, utilizando o argumento de que houve uma época (fim dos anos 1980 e início dos 1990) em que rivalizava com outras potências futebolísticas brasileiras. A partir de 2016, *A Tribuna* incorporou “carvoeiros” à lista de denominações, alcunha que já era entoada nas arquibancadas há alguns anos e faz alusão às relações cricumenses com a extração carbonífera. Afora isto, não encontramos mais usos de características locais para construir narrativas sobre o Criciúma.

Os oponentes dos demais municípios foram postos como rivais, mas de forma instável: quanto mais decisivos os confrontos estaduais, mais consistentes eram as menções. A dupla de Florianópolis, ademais de seguir esse prognóstico, foi representada como dotada de influência nas instâncias político-jurídicas do futebol catarinense, o que ficou bastante perceptível em partidas nas quais os profissionais de *A Tribuna* criticavam as decisões da arbitragem. Os joinvilenses também foram postos como rivais, protagonistas de um clássico, que seria o principal do interior. Percebemos, portanto, que se posicionou a Chapecoense num grau de rivalidade menor.

---

Diferentemente dos florianopolitanos, o Jec não fora enxergado como uma agremiação que age nos bastidores – supostos equívocos dos juízes a favor do Jec eram explicados pela baixa qualidade dos árbitros de Santa Catarina. Reforçamos que as delimitações de nosso *corpus* podem ter comprometido uma real compreensão das rixas entre Joinville e Criciúma. Já o caso chapecoense nos pareceu uma particularidade nas relações aqui analisadas. A *Tribuna* inclui poucos vestígios de rivalidade entre alviverdes e carvoeiros. Deparamo-nos com momentos em que colunistas do jornal teceram comentários afáveis à Chapecoense, desejando sorte em certames nacionais, por exemplo. Um caso único em nosso objeto empírico.

Finalmente, *Diário do Iguaçu* retratou a Chapecoense como representante do Oeste catarinense, situada na “capital” da região. Também foi registrado o apreço de habitantes do Sudoeste do Paraná e Noroeste do Rio Grande do Sul, fazendo com que o ‘território’ alviverde transpusesse as divisas de Santa Catarina. Houve um claro apoio institucional de *DI* para com a Chape, comemorando a ascensão do time conterrâneo e promovendo campanhas de envolvimento regional. Além dos colunistas de esportes se inserirem como torcedores e munícipes, o mesmo fora praticado corriqueiramente por articulistas de outras seções, algo não percebido (ao menos com a mesma frequência) nos demais veículos. O curioso é que a narrativa do envolvimento dos oestinos, tal como a representação da rivalidade com a Chape por *DC* e *AN*, também foi posta em caráter ascendente. Em 2009, primeiro ano de nosso recorte, *DI* exaltava a união entre gremistas e colorados<sup>6</sup> em prol da Chapecoense, que chegou à final do Catarinense daquele ano. De 2012 em diante, passou-se a mencionar diretamente o comprometimento de todos os oestinos com o clube local.

Diferentemente das demais publicações, *Diário do Iguaçu* foi a única que explicitou em suas páginas feições bem definidas não só sobre os habitantes do Oeste, mas também sobre uma teórica feição ideal da Chapecoense, ambas representações em consonância. Em suma, elencaram-se características como garra, resiliência e força para superar as mais diversas adversidades, historicamente apresentadas ao “povo do Oeste”. Apesar disso, não foram feitas citações sobre a formação étnica e cultural de Chapecó e região.

---

<sup>6</sup> Por conta da mencionada presença de migrantes gaúchos na região, Grêmio e Internacional, de Porto Alegre, possuem um número bastante expressivo de aficionados no Oeste do estado.

Todos os quatro clubes foram retratados como rivais, e foram agrupados nos “quatro grandes”. Isto não significa que a Chapecoense não tenha sido entendida por *DI* como uma força do futebol barriga-verde, até porque o diário elencou o alviverde como a maior agremiação do estado no biênio 2015-16. Contudo, foram as menções mais instáveis de rivalidade dentre os quatro jornais averiguados. Há um aumento nas incidências a partir de 2013, mas não encontramos uma explicação consistente para esse quadro. Apenas que o desempenho recente da Chapecoense (quanto melhor a fase, mais ênfase na rivalidade com o oponente estadual) causava impacto no modo como os demais eram entendidos. Nesse contexto, florianopolitanos e joinvilenses aparecem de forma mais recorrente como tradicionais adversários, ambos compreendidos como capazes de agir nos bastidores político-jurídicos. Com isso, parece-nos mais adequado assinalar que a grande alteridade estabelecida por *DI* é o Litoral, histórica desavença oestina, formada, nesse caso, por Joinville, Florianópolis e (em menor grau) Criciúma. A clareza dessa alteridade, porém, contrasta com a não atribuição de traços culturais e identitários.

### **Discussão, Conclusão e Limitações**

Recordemos que este artigo visa trazer os principais resultados provenientes de minha tese doutoral, interessada em compreender como jornais catarinenses constroem narrativas de rivalidade entre os ‘cinco grandes’ do futebol de Santa Catarina. Tentemos enxergar alguns dos aspectos assinalados no item anterior mais amplamente, relacionando-os e contextualizando-os.

*Diário Catarinense* descreveu Florianópolis como uma capital dividida igualmente entre avaianos e alvinegros, como se cada sujeito inevitavelmente pertencesse a um lado ou a outro. Tal dinâmica fora definida como a maior rivalidade do estado. Paralelamente, mesmo que em uma parte dos dez anos investigados (2014-16), *DC* também apresentou uma voz estadual, exaltando o grande momento vivido pelo futebol barriga-verde. Ambas as atitudes se aproximam de posturas outrora identificadas: a) a tentativa da capital de se por no epicentro narrativo estadual; b) postular-se como grande porta-voz dos catarinenses (vide o nome do próprio jornal). Considerando que o interior seria uma alteridade natural da capital, a ótica de *DC* pôs Joinville (por conseguinte o Jec) como rival mais estável, diferentemente das

---

inconstâncias para com Chapecoense (em grau ascendente) e Criciúma (instável). Prognóstico que pode ser explicado pelas históricas contendas entre Joinville (município mais rico e populoso) e Florianópolis (capital e centro político-administrativo) dentro e fora do futebol, e pela inserção tardia de criciumenses (anos 1960) e chapecoenses (anos 1970) de forma competitiva nos certames estaduais.

Em Joinville, verificamos uma “cobertura paroquial” por parte de *A Notícia*, como o próprio editorial supracitado indicou. Estenderam-se os anseios jequeanos a todos os joinvilenses. Como vimos, o Jec foi fundado para unir simbolicamente uma cidade que recém havia sido reconfigurada do ponto de vista demográfico. Ao menos nas narrativas construídas por *AN*, esse objetivo soa ser contemplado. Florianópolis fora apresentada como grande alteridade joinvilense e eticamente frágil, o que também dota de vasta jurisprudência histórica. O aumento nas incidências de rivalidade com a Chapecoense não a estabelece, cremos, como capaz de alcançar um patamar semelhante ao de Florianópolis. O caso de Criciúma é mais complexo e demandaria mais fôlego acadêmico, visto que o *corpus* parece ter comprometido essa rivalidade em particular. Porém, atrevemo-nos em dizer que as rixas entre Joinville e Florianópolis são mais evidentes, sob o argumento de que esta se refere às cidades, enquanto Jec-Criciúma é um embate restrito aos times.

Em Criciúma, *A Tribuna* também abraçou institucionalmente o time conterrâneo. A união simbólica do município através de um novo clube, assim como em Joinville, também se realizara nas páginas do jornal local. Ao menos sob a ótica de *A Tribuna*, o Criciúma rivalizara não só com os oponentes estaduais, mas também com outros ‘grandes’ do Brasil, o que colocaria o Tigre num patamar diferenciado perante os outros quatro. Os florianopolitanos são entendidos como alteridades. Apesar de o jornal não utilizar recorrentemente o termo ‘capital’, este está subentendido ao denunciar o amplo poder de influência de Avaí e Figueirense nos bastidores. E é justamente essa capacidade que os difere dos joinvilenses, que, junto com os carvoeiros, protagonizariam o “clássico do interior”. Mesmo posta como uma tradicional adversária, houve demonstrações de admiração velada para com a Chapecoense.

Em Chapecó, *DI* exalta simultaneamente o envolvimento dos oestinos com a Chape e o crescimento desse mesmo envolvimento. A publicação constrói uma lista de características de torcedores alviverdes e oestinos, qualidades relacionadas à denúncia do abandono do Litoral (até 1950), da luta por maior autonomia e integração (entre

---

1950 e 1970) e o progresso contínuo como grande vitória da região. Os “quatro grandes” denominados por *DI* foram descritos como rivais. Joinvilenses e florianopolitanos com poder político e jurídico, o que atestaria os históricos privilégios do Litoral, esta sim, a grande alteridade oestina.

Recordemos que partimos da hipótese de que os quatro jornais construam narrativas divergentes entre si, e usavam de feições culturais locais para representar conterrâneos e diferenciar forasteiros. Ao longo de meus esforços doutorais, essa premissa foi parcialmente comprovada. Como se pôde perceber, algumas características são distintas nos retratos elaborados. *AN*, por exemplo, não vê o Jec (e os joinvilenses) como dotados de influência político-jurídica, ao contrário de *DC* e *DI*. A demarcação de zonas bem delimitadas para cada agremiação (capital, Norte, Sul e Oeste) também acaba por ocultar as intersecções entre elas. O equívoco reside na estratégia usada para a construção das narrativas. Exceto em casos específicos, não foram utilizadas feições culturais e identitárias para arquitetá-las.

Em compensação, uma gama de relações e processos históricos do cenário político, cultural e econômico de Santa Catarina perpassa pelos planos de fundo moral empregados nas narrativas jornalísticas aqui investigadas: a tentativa da capital de se impor como epicentro estadual, as trocas de acusações e tensões entre Florianópolis e Joinville, o descontentamento interiorano com o centralismo e privilégios da capital, a histórica relação entre carvão e Criciúma, a incompatibilidade dos oestinos com o Litoral, dentre tantas outras. Se Santa Catarina é composta por microrregiões pujantes e que buscam impor-se no cenário estadual, o futebol e a imprensa esportiva também estão inseridos nessas interações.

É preciso advertir, por fim, que os resultados encontrados se referem ao recorte temporal mencionado. Estes podem se aplicar a outras épocas, mas não necessariamente. Enfatizamos e fomentamos a necessidade de outras investigações acadêmicas preocupadas em contribuir para uma melhor compreensão do futebol catarinense. Encorajamos também estudos interessados em aclarar questões de outras conjunturas futebolísticas regionais e locais, tão ou mais ricas do que grandes jogadores, clubes e selecionados nacionais.

---

## REFERÊNCIAS

A NOTÍCIA. Em cima do muro: um manezinho tricolor. **A Notícia**, Joinville, p. 26, 27 jul. 2014, Esportes.

ALVES, R. As decisões que vivi. **Diário Catarinense**, p. 40, 26 abr 2010.

AQUINO, D. Um jornal ao lado do JEC. **A Notícia**, Joinville, p. 4, 4 dez 2011.

BONIFACE, P. Football as a factor (and a reflection) of International Politics. **International Spectator: Italian Journal of International Affairs**, n. 33, v. 4, pp. 87-98, 1998.

CABRAL, O. **História de Santa Catarina**. 2a ed. Florianópolis: Secretaria de Educação, 1970.

ENGLISH, P. Cheerleaders or critics? Australian and Indian sports journalists in the contemporary age. **Digital Journalism**, Londres, v. 5, n. 5, pp. 532-548, 2017.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: discussões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓMEZ BUENO, J. **Ética, responsabilidad y observación de los códigos deontológicos en el periodismo deportivo**. Tese (Doutorado). 578f. Universidad de Murcia – Facultad de Comunicación y Documentación, Murcia, Espanha, 2012.

LOEN, R. L. **Pontes para o futuro**: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado). 445f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, Brasil, 2002.

MARÍN MONTÍN, J. (Coord.). **Imagen, Comunicación y Deporte**: una aproximación teórica. Madri: Vision Libros, 2009.

McCLENEGHAN, J. S. Sports Journalists talk about themselves: an attitude study. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, Columbia (SC), v. 67 pp. 114- 118, 1990.

MELLO, M. S. **Força, Chape!?** Narrativas de rivalidade futebolística em jornais catarinenses antes e depois da queda do voo LaMia 2933. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, Curitiba, PR, 2017.

MELLO, M. S. **Complexities and identities in Santa Catarina (Brazil)**: an analysis of journalistic narratives on live radio broadcastings of local soccer derbies. INTERNATIONAL

---

ASSOCIATION FOR MEDIA AND COMMUNICATION RESEARCH, 15, Eugene (OR), Estados Unidos, 2018.

MELLO, M. S.. **Complexidades identitárias em Santa Catarina**: análise de narrativas de rivalidade entre times catarinenses na mídia esportiva impressa local (2009-2018). Tese (Doutorado em Jornalismo). 379f. Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, SC, 2020.

MONTEIRO, R. A. **“Com quantos pobres se faz 1 rico?”**: modernidade (e crise) na Criciúma do Século XX. Dissertação (Mestrado). 219f. Universidade do Estado de Santa Catarina – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, Brasil, 2017.

MOTTA, L. G. F.. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

ROJAS TORRIJOS, J. L. **Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación**. Construcción de un modelo teórico válido en los medios deportivos escritos y digitales en lengua española. Tese (Doutorado). 501f. Universidad de Sevilla – Facultad de Comunicación, Sevilla, Espanha, 2010.

SADRI, S. The role of fan identification in the perceived credibility of sports articles. **International Journal of Sport Communication**, Champaign (IL), v. 7, n. 2, pp. 214-233, 2014.

SANTOS, E. **Show de bola**: a história do futebol em Joinville e Santa Catarina. Joinville: Univille, 2004.

SALWEN, M. B.; GARRISON, B. Finding their place in Journalism: newspaper sports journalists' professional “problems”. **Journal of Sports & Social Issues**, Newbury Park (CA), v. 22, pp. 88-102, 1998.

SILVA, C. M.; HASS, M. “O Oeste catarinense não pode parar aqui”:. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969). **Tempo & Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 21, pp. 338-374, 2017.

SILVA JÚNIOR, J. **Histórias que a bola esqueceu**: a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. 2ª ed. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

SOUSA, J. R. **Figueirense x Avaí**: o clássico de Florianópolis. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2005.

SUÁREZ RAMÍREZ, S. **Los titulares en los cibermedios deportivos**: principales figuras retóricas y su aplicación didáctica. Tese (Doutorado). 647f. Universidad de Extremadura – Departamento de las Ciencias Sociales, Badajoz, Espanha, 2015.